



Assédio e preconceito

Farda, fraldas e panos de prato fazem parte da rotina de Cristiane Simões, primeira mulher oficial do Corpo de Bombeiros no país

Luz, câmera, ação

A cineasta Erika Cândido, 38 anos, que assina a produção de obras célebres, como *A vida invisível*, de Karim Ainouz, premiado no Festival de Cannes em 2019, e diretora do longa-metragem *Elza Infinita*, lembra que passou por muitos percalços até se firmar na sétima arte. “Uma mulher negra ocupando cargos de liderança em projetos afronta, e muito, qualquer estrutura. Esse questão de mulher negra que lidera, dirige, desenvolve narrativas, precisa ser reforçada, pois existe sempre um lugar que é estrutural e que trabalha para apagar nossas realizações. Por exemplo, não nos dar os devidos créditos, mesmo a gente tendo realizado o

trabalho”, diz a diretora executiva da Kilomba Produções.

Para ela, o racismo é um agravante ainda maior quando envolve as mulheres. “Em muitos projetos, não me reconhecem, não apenas por ser mulher, mas por ser uma mulher negra. Preciso me apresentar, reforçar meu lugar de gestora mais vezes, pois o meu corpo não é reconhecido em lugares de liderança e potência”, afirma. Segundo ela, mais que estudo, é necessário esforço para encarar essas situações. “Acredito que as mulheres negras devam viver para o futuro e não lamentar as dores. Nesse contexto, minha família foi um componente importante para que eu chegasse



Arquivo Pessoal / ÉRIKA

A cineasta Érika Cândido afirma não ser reconhecida em muitos projetos por ser mulher e negra

aonde estou hoje”, completa.

Tenente-Coronel do Corpo de Bombeiros de Brasília e mãe, Cristiane Fernandes Simões, 46, alcançou a

façanha de ser a primeira oficial da turma de mulheres bombeiras militar no país. Há 29 anos na função, ela revela que sempre conseguiu conciliar a rotina doméstica com a do serviço, mas com a devida retaguarda. “Graças ao auxílio da minha mãe e de uma ‘ajudadora’. Sem essa rede de apoio, fica mais difícil para qualquer mulher agregar as missões de ser mãe e profissional.

No Brasil, a cada 10 engenheiros cadastrados no Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea), apenas um é do sexo feminino. Além disso, entre os 1,2 milhão de engenheiros registrados no país, somente 13,7% são mulheres. Engenheira de incêndio e pânico formada pelo corpo de bombeiros militar do Distrito Federal, Cristiane Simões conta como é atuar em uma corporação com poderio masculino predominante. “A instituição é uma parcela da sociedade. Então, se na sociedade há machismo, na instituição também haverá. Ao longo desses 29 anos, houve, sim, situações constrangedoras. Foi quando me vi obrigada a adotar algumas posturas para evitar o preconceito e o assédio”, diz, destacando a importância da implementação de projetos sociais que amparem a mulher em diferentes áreas. “As políticas de adequação são fundamentais para a inserção das mulheres em todos os ambientes de trabalho, inclusive nos militares”, afirma.

Fora da curva

A diretora de Vendas da TIM Centro-Oeste e Norte, Graciela Berlezi, alcançou um feito dificilmente vivido por outras mulheres em sua trajetória profissional. Mãe de duas meninas, foi promovida dentro da mesma empresa durante as duas gestações. “Quando recebi a proposta de direção, minha primeira reação foi de espanto, pois estava grávida. Isso me marcou muito,

Fonte: Milena Yukié



Ketty Sanches: “Ser mulher e líder é um terno equilibrar de pratos”

pois fomos educadas a ter preconceitos sobre nós mesmas. Na minha cabeça não fazia sentido, mesmo a

gestação fazendo parte da vida de uma mulher”, recorda.

Graciela se considera “um ponto fora da curva”, ou seja, que faz parte de uma minoria que foi apoiada por sua equipe e, mesmo não se achando a “mulher maravilha”, considera que era ela mesma que deveria ocupar o cargo, pois estava devidamente preparada para assumir aquela posição.

Graduada em administração de empresas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), com MBA em negócios do varejo pela Fundação Instituto de Administração (FIA), uma das instituições mais bem avaliadas em rankings nacionais e internacionais de educação, e em

estratégias de negócios digitais pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos Estados Unidos, Graciela atua em uma empresa com forte presença de homens, onde não se sente julgada. “Fui e continuo sendo muito bem acolhida”, diz a executiva de sucesso em um setor tradicionalmente masculino. “Sinto-me uma em um milhão”, afirma, ponderando que, apesar de ter consciência de que as mulheres são tão ou mais preparadas que os homens, elas acabam reféns da insegurança que culturalmente lhes é imposta.

***Estagiária sob a supervisão de Jáder Rezende**